



PATRONATO AGRÍCOLA VISCONDE DE MAUÁ: Um Estudo Foucaultiano do Inquérito de 11 de setembro 1963

Marina Luiza Rossini COSTA¹; Eduarda C. Domingues²; Melissa S. Bresci³

RESUMO

Este artigo estuda o inquérito instaurado em 11 de setembro de 1963 no Patronato Agrícola Visconde de Mauá, localizado em Inconfidentes, Minas Gerais. O objetivo é examinar a condução do inquérito, que investigava o uso e a tentativa de plantio de maconha, furtos de alimentos e remédios, e o uso e venda de medicamentos e estimulantes pelos alunos. A análise se baseia principalmente na obra "Vigiar e Punir" de Michel Foucault, que discute o controle e a disciplina em instituições. O estudo busca compreender como essas práticas de vigilância e punição impactaram a vida dos estudantes.

Palavras-chave: Maconha; Vigiar; Punir; Escola.

1. INTRODUÇÃO

Criado em 1918, o Patronato Agrícola Visconde de Mauá destinava-se à educação de jovens pobres e “menores desvalidos”, oferecendo uma formação disciplinadora marcada pelo trabalho agrícola e pela vigilância constante (BRESCHI, 2017, p. 20; p. 36-37). Estruturado em moldes semelhantes aos internatos, o cotidiano escolar buscava moldar sujeitos úteis e obedientes, evidenciando a escola como um espaço de controle social que se alinha às práticas de vigilância e punição discutidas por Foucault.

Em 11 de setembro de 1963, o Patronato Agrícola Visconde de Mauá foi cenário de um inquérito escolar que expôs questões graves envolvendo educandos e práticas ilícitas, como o uso e cultivo de maconha, furtos e uso de substâncias estimulantes. Em um contexto histórico de transformações sociais e políticas no Brasil, este episódio revela não apenas as tensões presentes na instituição, como também as formas de controle e punição aplicadas.

A origem do Campus Inconfidentes remonta a 1918, com a criação do Patronato Agrícola Visconde de Mauá, que tinha o objetivo de formar mão de obra agrícola e oferecer educação disciplinadora e moral para jovens desfavorecidos (BRESCHI, 2017, p. 36).

¹Marina Luiza Rossini Costa, IFSULDEMINAS – *Campus* Inconfidentes. E-mail: marina.costa@alunos.ifsuldeminas.edu.br

²Eduarda Camargo Domingues, IFSULDEMINAS – *Campus* Inconfidentes. E-mail: eduarda.camargo@alunos.ifsuldeminas.edu.br

³Melissa Salaro Bresci IFSULDEMINAS – *Campus* Inconfidentes E-mail: melissa.bresci@ifsuldeminas.edu.br.

A obra "Vigiar e Punir" de Michel Foucault oferece uma lente teórica para entender como a disciplina e o poder foram exercidos nessa situação. Foucault nos mostra como o poder não se exerce apenas de forma repressiva, mas também através de mecanismos sutis de controle e normalização. No caso do Patronato, o inquérito revela um sistema de vigilância constante, que busca identificar e punir desvios em relação às normas instituídas. A preocupação com o plantio de maconha, o furto de alimentos e o uso de drogas demonstra a tentativa de moldar os comportamentos dos estudantes.

"A vigilância hierarquizada, contínua e funcional... organiza-se assim como um poder múltiplo, automático e anônimo... funcionando como uma máquina... A disciplina faz 'funcionar' um poder relacional que se auto-sustenta por seus próprios mecanismos e substitui o brilho das manifestações pelo jogo ininterrupto dos olhares calculados" (FOUCAULT, 1987, p. 201)

O objetivo deste trabalho é analisar o inquérito instaurado em 11 de setembro de 1963 no Patronato Agrícola Visconde de Mauá, compreendendo como práticas de vigilância, disciplina e punição foram aplicadas à vida escolar dos estudantes, à luz da teoria foucaultiana.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Michel Foucault, em "Vigiar e Punir", explora as dinâmicas de poder e controle em instituições como escolas e prisões. Ele argumenta que o sistema disciplinar moderno é caracterizado pela vigilância constante e pelo controle minucioso dos corpos e das ações dos indivíduos. Neste contexto, a teoria pode ser aplicada para entender como o inquérito buscou moldar o comportamento dos estudantes a partir dos pontos observados por Foucault. A presença e uso de estimulantes como Pervitin e maconha como substância utilizada para melhorar o desempenho acadêmico também pode ser analisada à luz das práticas de normalização discutidas na obra.

"O exame combina as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados" (FOUCAULT, 1987, p. 209)

Por meio de um conjunto de regras e mecanismos de controle, a instituição buscava moldar subjetividades, produzindo indivíduos dóceis e socialmente úteis. A disciplina imposta pelos regulamentos e pela vigilância constante visava não apenas a conformidade exterior, mas também a

internalização das normas sociais e educacionais. O uso de estimulantes, por exemplo, pode ser lido como uma tentativa dos alunos de resistir a essa moldagem, buscando um escape momentâneo da rotina e dos padrões exigidos. Essa resistência, embora individual e silenciosa, desafia a produção de subjetividades idealizadas pela instituição, evidenciando a complexa relação entre poder, controle e autonomia individual.

3. MATERIAL E MÉTODOS

Este artigo se baseia no estudo documental do inquérito conduzido em 11 de setembro de 1963 no Patronato Agrícola Visconde de Mauá. A abordagem metodológica inclui o estudo dos registros oficiais e a interpretação das memórias dos envolvidos.

O inquérito em questão possui cerca de 50 páginas e trata-se da primeira via da sindicância aberta para apurar o caso, o documento faz parte do acervo do Arquivo Escolar IFSULDEMINAS *campus* Inconfidentes e foi encontrado durante as atividades da autora como bolsista de alimentação. Após análise e catalogação desta documentação, o inquérito foi submetido a comparação com o referencial teórico, principalmente as obras de Foucault.

A obra "Vigiar e Punir" serve como principal referencial teórico para a compreensão das práticas disciplinares no Patronato. O estudo também considera o contexto histórico e social da época, levando em conta as políticas educacionais e os valores morais vigentes.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo do inquérito exemplifica que as práticas de vigilância e punição no Patronato Agrícola Visconde de Mauá seguiram um modelo disciplinar semelhante ao descrito por Foucault. Os alunos foram submetidos a um controle rigoroso, e o inquérito resultou em sanções que afetaram sua trajetória acadêmica e pessoal.

"Trata-se de alguma maneira de uma microfísica do poder posta em jogo pelos aparelhos e instituições, mas cujo campo de validade se coloca de algum modo entre esses grandes funcionamentos e os próprios corpos com sua materialidade e suas forças. Ora, o estudo desta microfísica supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia." (FOUCAULT, 1987, p. 30)

O uso de estimulantes pelos alunos, embora inicialmente visto como um problema de saúde pública, também pode ser interpretado como uma resposta às pressões institucionais por desempenho. Podendo ainda ser interpretado como uma tentativa dos alunos de resistir a essa

moldagem social, buscando um escape momentâneo da rotina e dos padrões exigidos. Essa resistência, embora individual e silenciosa, desafia a produção de subjetividades idealizadas pela instituição, evidenciando a complexa relação entre poder, controle e autonomia individual.

O inquérito reforçou a hierarquia de poder na instituição e a marginalização dos estudantes envolvidos. Foucault demonstra como o poder disciplinar se manifesta em diversas instituições, como escolas, hospitais e prisões, moldando os corpos e os comportamentos dos indivíduos. Assim, a escola não apenas instrui academicamente, mas desempenha um papel crucial na produção de subjetividades e na conformação de identidades que se adequem às estruturas de poder existentes.

5. CONCLUSÃO

O inquérito de 1963 no Patronato Agrícola Visconde de Mauá ilustra como o poder disciplinar, conforme descrito por Foucault em "Vigiar e Punir", moldava comportamentos e reforçava normas sociais na escola. A instituição funcionava como um mecanismo de controle social, reproduzindo as relações de poder da sociedade e disciplinando os estudantes segundo valores estabelecidos. Esse estudo destaca a escola como um aparelho ideológico do Estado, onde práticas de vigilância e punição impactaram profundamente a formação dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Tradução: Joaquim José de Moura Ramos. Editora: Martins Fontes. Data da publicação: 1 janeiro 1980. Acesso em: 05 set. 2024.

BRESCI, Melissa. Salaro. **Origem e evolução do IFSULDEMINAS Campus Inconfidentes: qual o princípio pedagógico?** 2017. 154 f. Tese (Doutorado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2017. Acesso em: 05 set. 2024.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. Acesso em: 05 set. 2024.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p. Acesso em: 05 set. 2024.